

UM OLHAR SOBRE O PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO DA IGREJA ADVENTISTA DE LAGOA DOS TRÊS CANTOS

UMA MIRADA AL PATRIMONIO ARQUITECTÓNICO DE LA IGLESIA ADVENTISTA EM LAGOA DOS TRÊS CANTOS

A LOOK AT THE ARCHITECTURAL HERITAGE OF THE ADVENTIST CHURCH IN LAGOA DOS TRÊS CANTOS

Tabara Varissa Petry¹

Resumo: Potencializando os diferentes tempos sem a intenção de congelar o passado, o artigo traz uma reflexão sobre o patrimônio arquitetônico abordado dentro das diretrizes da teoria contemporânea do restauro. Para análise do tema, será exposto o estudo de caso da igreja Adventista do Sétimo dia, da comunidade de Boa Vista do Guilherme de Lagoa dos Três Cantos - RS. Com uma análise da visão deste tema perante os membros de sua comunidade e população em geral. A compreensão sobre o patrimônio e restauro, neste exemplo em específico, trazendo a abordagem de autores referentes ao tema, que partem da concepção de preservar a cultura e história de um determinado povo além da edificação em si. Com isso, refletindo sobre a polêmica que essa nova visão causa dentro do clássico pensamento patrimonial e sobre a ideia de preservação da memória representada na edificação concreta.

Palavras-chave: Arquitetura. Igreja. Patrimônio.

Resumen: Potenciando los diferentes tempos sin la intención de congelar el pasado, el artículo trae una reflexión sobre el patrimonio arquitectónico abordado dentro de los lineamientos de la teoría contemporánea de la restauración. Para el análisis del tema, se expondrá el estudio de caso de la iglesia adventista del séptimo día de la comunidad de Boa Vista de Guilherme de Lagoa dos Três Cantos – RS. Com um análise de la visión de este tema ante los miembros de su comunidad y población em geral. La comprensión sobre el patrimonio y la restauración, em este ejemplo específico, trae el enfoque de los autores al referirse al tema, que parte del concepto de preservar la cultura y la historia de ciertas personas más allá del edificio mismo. Así, reflexionando sobre la controversia que esta nueva visión provoca dentro del pensamiento patrimonial clásico y sobre la idea de preservar la memoria representada en el edificio de concreto.

Palabras clave: Arquitectura. Iglesia. Patrimonio.

Abstract: Empowering the different times without the intention of freezing the past, the article brings a reflection on the architectural heritage approached within the guidelines of the contemporary theory of restoration. For analysis of the theme, the case study of

the Seventh-day Adventist church of the community of Boa Vista of Guilherme de Lagoa dos Três Cantos – RS will be exposed. With an analysis of the vision of this theme before the members of its community and population in general. The understanding of heritage and restoration, in this specific example, bringing the approach of authors referring to the theme, which start from the concept of preserving the culture and history of a certain people in addition to the building itself. Thus, reflecting on the controversy that this new vision causes within the classic patrimonial thought and on the idea of preserving the memory represented in the concrete building.

Keywords: Architecture. Church. Patrimony.

Considerações iniciais

O patrimônio arquitetônico, conservação e restauro se caracterizam por sua complexidade, com seus diversos e múltiplos questionamentos, ou seja, são diferentes percepções e opiniões. Esse fato traz muitas dúvidas recorrentes ao que pode ser considerada a forma mais coerente de intervir em uma edificação. A problemática abordada no artigo justamente vem tratar essas questões, analisar uma circunferência que engloba o entorno maior. O que se deve levar em consideração para fazer o estudo dentro de um objeto significativo ao patrimônio arquitetônico abrange além da volumetria em si, o entorno que a mesma está implantada e a relação de pertencimento que possui com os indivíduos que fazem uso dela, pontos significativos para a abordagem. A questão sobre o falso histórico tão polêmico e criticado principalmente entre os profissionais da área de arquitetura neste texto é discutida com uma visão panorâmica, envolvendo o contexto histórico, arquitetônico e social, que traz um ponto de vista diferenciado e humanizado para o conteúdo. Com base nestes propósitos se optou por trazer um estudo de caso para melhor compreender a narrativa e a concepção do significado de patrimônio para uma determinada sociedade. O exemplo a ser abordado é de uma pequena comunidade religiosa interiorana, que possui 126 anos de fundação e optou pela substituição da primeira construção da igreja no final da década de 50, onde sua maior preocupação era evidenciar a semelhança arquitetônica na segunda edificação, mantendo viva a memória e a história dos seus antepassados, cultivando sua cultura. O exemplar é atualmente uma referência da arquitetura das primeiras igrejas construídas pelos imigrantes alemães na região.

Na intenção de preservar sem a orientação de um responsável técnico e o conhecimento sobre o que é o patrimônio arquitetônico há uma grande confusão no seu

desenvolvimento. Até mesmo dentro do campo profissional existe esta incógnita, sobre como fazer e o que seria o mais correto para cada situação. Este é um fato que gera muita discussão e polêmicas atualmente, pois cada obra deve ser analisada individualmente, em um contexto que engloba muito além da forma arquitetônica, como também a cultura, a memória e o entorno onde esta se localiza. Froner (2013) em suas colocações adverte que a perda da memória e dos sistemas construtivos com soluções geradas pelas necessidades e pelo conhecimento do ambiente de regiões específicas, além de empobrecer o patrimônio vernacular significa a perda da possibilidade de aprendizagem da própria arquitetura contemporânea.

Contudo, um ponto que causa muita discussão, é o falso histórico, a que ponto uma obra enquadra-se nesta definição? As peculiaridades que levam a essa classificação dentre as mais comuns são edificações novas se utilizarem de informações e características históricas, se passando por antigas, muitas vezes imitando um estilo original da cultura estética de uma sociedade. Caso este que acontece no estudo em questão, onde o observador perde a noção da época de construção, não compreendendo a obra de forma a identificar seu período, por outro lado, ponderando o fator memória e ancestralidade a edificação produz em quem a observa e contempla um sentimento de vínculo ao passado, rememorando todo o processo que os ancestrais viveram durante a colonização.

Como informações adquiridas em entrevista com a moradora Maristela Wetter (2019) que apesar de não pertencer à comunidade adventista, mas ser de descendência alemã, afirma que ao visitar o local onde a igreja se encontra faz um processo de volta no tempo se identificando e pertencendo a história de seus antepassados, experienciando memórias criadas a partir dos sentimentos transmitidos pela significância do local para o usuário. O que gera uma reflexão segundo Knack (2016) sobre o período temporal estabelecer relações na construção/afirmação da memória e da história. Ao falar de um passado não vivido com tamanha intimidade, transmitindo uma irreal impressão que esse sujeito vivenciou tais acontecimentos. Ou seja, uma relação afetiva com o que não foi vivido, mas que apresenta uma sensação de pertencimento. Outra perspectiva também aponta a emergência de uma distância entre o indivíduo e a realidade sócio histórica, que evidencia o distanciamento da noção e classificação temporal sobre o passado a partir do hábito e da memória, trazendo a consciência de um passado até então desconhecido.

Diante do tema, a intenção é trabalhar o conceito contemporâneo que traz análises para a edificação de forma peculiar, trabalhando-a conforme sua particularidade, utilizando o autor Salvador Muñoz Viñas (VIÑAS, 2004), para compreender um caminho que é tão interpelado dentro da área, buscando a compreensão do sistema dentro de um todo, em completude com as diretrizes que Michel de Certeau (CERTEAU, 1996), aponta dentro dos atos cotidianos como importantes processos na formação de um grupo de indivíduos e seus meios de vivência e permanência.

A construção do patrimônio

No início do século XX uma nova visão sobre patrimônio foi sendo concebida, passando a adquirir outras significações culturais, seja por seus valores simbólicos, históricos ou artísticos. Como a autora Froner (2013) evidencia, a monumentalidade de uma edificação não a classifica dentro dos conceitos patrimoniais, como por muitos anos se acreditou. Este é um elemento a ser considerado entre tantos outros. Julgando relevante e apto a preservação a condição inerente da memória vinculada ao monumento. Na busca de uma unificação de critérios para as intervenções em obras de arte, monumentos arquitetônicos, objetos arqueológicos e etnográficos, em 1972, o Ministério da Instrução Pública do Governo da Itália redige a Carta do Restauro, com base no pensamento brandiano (as pesquisas brandianas são, segundo a autora, uma das mais atuais contribuições para a área do restauro), com orientações para os órgãos públicos sobre os procedimentos que deveriam ser adotados nas ações de salvaguarda e restauração. Apresentando instruções para o cuidado dos objetos arqueológicos, restaurações de obras arquitetônicas, pictóricas, escultóricas, pinturas murais e a tutela dos centros históricos, tornando-se um modelo internacionalmente aceito e seguido (XAVIER, 2019).

Brandi, traz uma nova definição como a autora Xavier (2019, p. 3) explana em suas colocações:

Em suma, o pensamento brandiano ampara as características estéticas e históricas dos objetos patrimoniais. Em seu julgamento, se estes valores se perdessem nada restaria que justificasse a sua preservação. Para ele era preciso que ao concluir o trabalho da restauração a obra de arte pudesse ser reconhecida em seus aspectos físicos, estéticos e históricos. Notadamente, na instância histórica, objeto aqui em discussão, Brandi defendeu que os bens possuem uma dúplici historicidade, a primeira relativa ao momento de criação da obra, o lugar em que foi feita, o artista e o tempo de sua realização, e a segunda, que se refere do período transcorrido até o presente histórico e que também fixa

suas marcas: pátinas, adições e complementos. Para o autor, as duas historicidades devem ser preservadas durante o processo de restauração.

Conforme Xavier (2019) pontua, dentro da sua teoria, Brandi também traz a classificação do que considera ser falso histórico, apesar de não trazer uma definição clara, aponta cinco ações que apresentam essa nomenclatura.

A primeira trata da reconstrução do monumento, mesmo utilizando os materiais retirados do local de onde foi extraído o material original, mesmo que seja quimicamente idêntico, seria uma obra atual e diversa, pertencendo a época contemporânea.

A segunda seria a remoção da obra de arte do seu local original, o meio físico (luz, atmosfera, condições ambientais) que ela está implantada também influencia na significação da obra e na sua transmissão ao observador. Alterando suas relações de espacialidade, com perdas de importantes informações estéticas e históricas. Com exceção para situações em que a única alternativa para manter a conservação da obra seja seu deslocamento para um ambiente de menor risco.

A terceira demonstra a tentativa de trazer a obra a reconstituição original, eliminando as marcas do tempo, acréscimos e a linha entre a construção e o presente. Até a retirada da pátina dos objetos artísticos considera-se a remoção do testemunho histórico, contradizendo a sua antiguidade. A orientação para obras que já tenham sido executadas com essa linha de pensamento é mantê-las, por mais errôneas que sejam essas tentativas, elas fazem parte da sua história e servem como testemunho dos erros das atividades humanas.

A quarta falsificação retrata sobre a tentativa de complementar obras que sofreram mutilações ou fragmentações. As partes devem ser preservadas e unidas somente por anastilose caso haja registros autênticos do estado originário ou a partir das sugestões implícitas nos próprios fragmentos. Caso essa possibilidade não seja possível, as partes restantes devem ser preservadas pois trazem informações sobre a obra. Já no caso das ruínas, somente devem ser conservadas e consolidadas, preservando também seu entorno, as transformações geradas pelo clima e suas intempéries.

A quinta e última ação considerada falso histórico seria a produção da cópia de um objeto ou monumento semelhante ao mesmo estilo histórico e artístico do original. Considerado uma ofensa ao tempo passado e presente, à história e à estética. Xavier (2019, p. 5) comenta que o falso histórico brandiano ressalta o respeito pela época, pela

consciência do tempo decorrido, o reconhecimento indiscutível da irreversibilidade do tempo, define a falsificação não sendo propriedade do objeto, que parte da intenção do indivíduo que a executa, como descreve:

[...] A falsidade estaria na intenção de levar ao engano, produzindo uma obra que tem a finalidade de se fazer passar por pertencente a uma época ou ter sido feita por algum autor, com a técnica de fabricação ou o material do passado, diferentemente de uma cópia ou da imitação declarada de um estilo, que sempre foram realizadas ao longo da trajetória humana. Essas reproduções tem seu valor autônomo, segundo ele, desde que deixem evidentes suas datações e seus autores.

Em um retrospecto, na Idade Média a preservação se dava à edificações em favor de sua manutenção com a inexistência da perspectiva histórica, já na Renascença há o início de um novo olhar para as obras do passado, que passam a ser apreciadas por suas qualidades artísticas e históricas. Principiando sua estruturação a partir do final do século XVIII, com maior consolidação no final do século XIX e início do século XX. Como a autora Cunha (2010, p. 23) descreve a primeira definição do moderno conceito de restauração é dada por Viollet-le Duc:

[...] no verbete Restauration do seu Dictionnaire Raisonné de l'Architecture Française du Xle au XVIe Siècle, no qual afirma que “Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é estabelece-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento.

Como as autoras Santos & Gonçalves (2019, p. 2-3) colocam, “o equilíbrio entre os valores coletivos e as medidas de conservação do patrimônio parece ter sido o objetivo da preservação patrimonial durante todo o século XX e tornou-se o principal desafio do século XXI”. Com um exemplar significativo de Cartas Patrimoniais internacionais (1931-2010), ressignificando a evolução da noção de patrimônio durante sua fase de modernização e universalização. Documentos como Carta de Veneza (ICOMOS, 1964), a Carta de Restauo (MIP, 1972), a Carta de Burra (ICOMOS, 1980), a Carta do México (ICOMOS, 1985), a Conferência de Naraⁱⁱ (UNESCO, 1994) e a Recomendação de Paris (UNESCO, 2003) foram criados neste período. Com esses novos embasamentos o conceito patrimonial adquiriu maior estruturação, sendo vistos como evidências materiais e imateriais dos traços de uma identidade coletiva (classes sociais e gerações) dentro de um determinado contexto de espaço-tempo (SANTOS & GONÇALVES, 2019).

Como Froner (2013, p. 249, 250) descreve abaixo, a noção de Patrimônio Arquitetônico teve uma releitura baseada nas cartas de patrimônio e nas convenções para melhor organizar o conceito de classificação dos bens culturais. Sendo por ela ordenado:

- 1) Monumentos: todas as construções particularmente notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico, incluindo as instalações ou os elementos decorativos que fazem parte integrante de tais construções;
- 2) Conjuntos arquitetônicos: agrupamentos homogêneos de construções urbanas ou rurais, notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico, e suficientemente coerentes para serem objeto de uma delimitação topográfica;
- 3) Sítios: obras combinadas do homem e da natureza, parcialmente construídas e constituindo espaços suficientemente característicos e homogêneos para serem objeto de uma delimitação topográfica, notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico.

Toma forma a teoria contemporânea a partir da organização dos discursos e reformulação de alguns conceitos e noções ligados à atividade tradicional do restauro. Essa nova visão traz oposição às concepções objetivas e aos conceitos de verdade das “teorias clássicas”, especialmente no que se refere à autenticidade dos objetos culturais. A maior novidade é o princípio da sustentabilidade dos métodos de intervenção, que é o elo de ligação entre a teoria e a realidade das atividades de preservação. (SANTOS & GONÇALVES, 2019).

Nesse período muitas foram as modificações no campo prático e na metodologia das intervenções, conforme Viñas (2004, p.47) coloca, qualquer objeto ou edificação que transmita emoções, valores e sentimentos a um grupo de pessoas, podendo ser de forma mundial, nacional, regional, local, familiar e até para uma única pessoa pode ser considerado patrimônio. Como pormenoriza:

Es decir, se excluye explícitamente el patrimonio modesto: aquellos objetos de Restauración que tienen valor para pequeños grupos, quizá familias e incluso individuos, como cartas autógrafas, fotografías, di bujos infantiles, etc. Este tipo de objetos también deberían ser reconocidos por las teorías de la Restauración porque de hecho lo son en la práctica real de la actividad -y en el uso común del concepto-. Esta exclusión se debe a un presupuesto de partida: se asume que los objetos de Restauración son bienes culturales, y puesto que lo cultural es, por definición, grupal o social, los símbolos individuales no se consideran. Sin embargo, nada impide extender esta idea para proporcionar una definición más ajustada al uso normal del concepto [...]

O autor muda o olhar, antes direcionado ao objeto e sua materialidade, para a função e o significado que esse objeto representa em relação a seus grupos de pertencimento (VELLEDA, 2013). Para suprir essa nova visão dentro destas intervenções culturais, que nos últimos cem anos evidenciaram mais valores estéticos e preceitos científicos sustentados pelas teorias clássicas que o autor considera de cunho aristocrático, nos dias atuais apresentam-se limitadas para a cultura atual que contempla uma ética mais democrática e livre. Pois muitas das intervenções são realizadas em microrregiões onde os objetos sujeitos a restauro não são “obras de arte”, geralmente sua

ligação está além dos valores histórico e artístico, partindo para ideológicos, afetivos, religiosos, que abrangem além da própria edificação a composição espacial, possível de entender e atender o objeto e todas as suas funções e usuários. Certeau (1996, p. 93) explica:

[...] “bens culturais”, o sistema de sua produção, o mapa de sua distribuição e a distribuição dos consumidores nesse mapa, parece possível considerar esses bens não apenas como dados a partir dos quais se pode estabelecer os quadros estatísticos de sua circulação ou constatar os funcionamentos econômicos de sua difusão, mas também com o repertório com o qual os usuários procedem a operações próprias.

Importante destacar, como Knack (2016) cita, o lugar sendo protagonista da memória, as lembranças se associam a localidades difundidas com a valorização das ações que compõem as narrativas, facultando uma relação entre lembrança individual e sua dimensão coletiva, propiciando uma construção e contribuição da memória frente as relações dos indivíduos com seu cotidiano correlacionando com as palavras de Certeau (1996) onde as práticas cotidianas se baseiam em modos de ação, em operações realizadas pelos indivíduos no sistema de interação social. Nesse sentido Viñas (2004) expressa a ideia do prevaletimento da busca da verdade no ato da conservação-restauração sobre aspectos objetivos, caracterizando a restauração não com suas técnicas e instrumentos, mas sobre as intenções que são efetivadas as ações, qualificando e evidenciando para o que se faz e não o que se faz, acresce destaque ao tema.

A arquitetura como linguagem cultura

A comunidade Adventista de Boa Vista do Guilherme traz a mesma tipologia imigratória que as microrregiões de etnia alemã de seu entorno. Em entrevista realizada com o casal Oldemar e Mariza Nowack (2019), soube-se que os primeiros imigrantes saíram da Alemanha no ano de 1892, sendo a família de Frederico e Helena Kümpel, chegando em 1893 a região que hoje é o município de Lagoa dos Três Cantos, vindos da localidade de Barmen, atualmente distrito da cidade de Wuppertal, Renânia do Norte de Vestfália (seus túmulos ainda estão no cemitério da igreja, e trazem a informação da região de origem, como consta na ilustração 01). Com a chegada da família Reis (se intitularam com este sobrenome pelo fato de terem desembarcado no Brasil no dia de Reis – com sobrenome original de Levi ou Leevi), houve a união destas duas famílias pelo casamento de seus filhos, com isso a família Reis doa as terras para a comunidade no ano

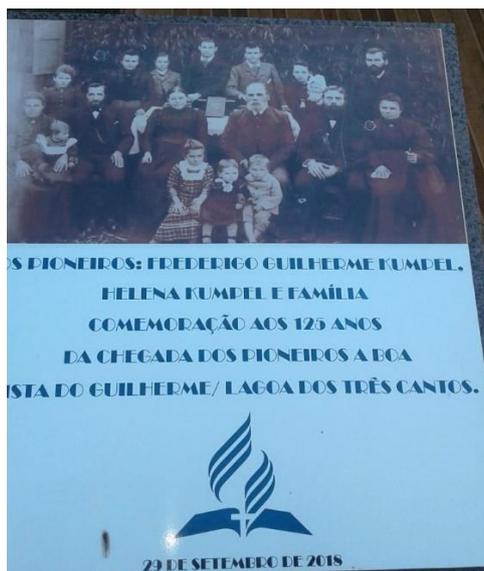
de 1914, com a primeira igreja já situada nas terras, construída por volta de 1905. Hoje a comunidade possui uma lápide (ilustração 02) para homenagear as famílias.

Ilustração 01 - Túmulo de Frederico e Helena Kämpel.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia tirada em 08/04/2018.

Ilustração 02 - Lápide de homenagem à família Kämpel instalada ao lado da igreja.



Fonte: Fonte: Acervo da autora. Fotografia tirada em 08/04/2018.

Oldemar afirma que seu pai Otto Nowack participou da construção, além das famílias Kämpel, Cattwinkel, Nowack, Reis, Schawantes, entre outras. Antes da edificação da igreja os cultos eram realizados nas casas dos fiéis. Segundo sua narrativa, foi a primeira comunidade Adventista instalada no Brasil, contudo pela falta de registros da época não existe a possibilidade de comprovação, ficando a de Santa Catarina com a titulação oficial. Hoje fazem parte da comunidade 22 famílias. A escola era em uma edificação em anexo à igreja e teve seus trabalhos encerrados no ano de 1964 pela falta de alunos, a língua utilizada para o ensino era o alemão.

A substituição da primeira igreja foi no final da década de 50 e início de 60, com o propósito de ter um espaço maior para comportar o número de fiéis, porém como Oldemar e Mariza Nowack evidenciam o objetivo foi de manter a mesma arquitetura e os mesmos traços para preservar a história de sua comunidade, tornando um espaço de memórias e lembranças da origem de seu povo. Com o passar dos anos a igreja passou por reformas e houve questionamentos e debates em face da troca das madeiras externas danificadas pelo tempo, para a execução de uma edificação de “alvenaria” (sistema construtivo comum na região, com tijolo e reboco), já que esta traz facilidades na manutenção. No entanto, estas modificações não foram aceitas ocorrendo somente reformas como a troca de madeiras.

O cuidado que a comunidade tem em manter suas tradições culturais está materializada na arquitetura e no espaço coletivo que o grupo compartilha, usando do recurso coletivo e religioso para transmitir suas tradições a futuras gerações, uma projeção que o autor Knack (2016, p. 147) comenta:

O valor efeito-signo atribuído ao rastro pelos sujeitos que os organizam, preservam e esquematizam (tornando-os documentos) está relacionado a sua ambiguidade passado/presente – algo que existe no agora, mas que remete ao passado. Esse valor efeito signo resulta da seleção daquilo que é importante para uma sociedade [...]

A solicitude em manter a cultura de seus ancestrais de fato é um processo cultural peculiar da etnia alemã. Nesse âmbito, Neumann (2016) apresenta um comparativo entre a arquitetura das colônias alemãs e italianas, colocando que, visualmente a cultura italiana ia se perdendo de geração em geração, suas típicas casas de pedra em seu novo habitat foram se abasileirando de forma acelerada, já em colônias alemãs o que se via

eram casas de cinquenta anos atrás, com um poteiro em frente que fazia a divisa com a estrada, e atrás a lavoura que seguia até os limites do final da colônia ou até onde a mata havia sido derrubada, seguindo as mesmas tipologias culturais dos seus ancestrais, com o uso de madeiras, cobertura de zinco ou tabuinhas. Nas colocações de Jungblut (1994) os fenômenos étnicos persistem nas sociedades complexas apesar da homogeneização cultural. Para Certeau (1996) a relação social determina o sujeito, predisposto pelo domínio de suas relações e práticas sociais, como por exemplo o efeito da língua em uma situação de comunicação, os sujeitos nesse caso os imigrantes alemães fazem uso da língua materna para criar um vínculo de convivência entre seus conterrâneos além de outras práticas e maneiras pelas quais os usuários se apropriam do espaço e organizam técnicas de produção sociocultural.

Analisando as fotos é perceptível que a linha da construção continuou similar a primeira edificação (ilustração 03, 04 e 05) tendo algumas diferenças na utilização de alguns materiais como a tabuinhas que foram substituídas pela telha cerâmica e as madeiras dos oitõesⁱⁱⁱ que eram torneadas e foram alteradas por linhas retas (detalhe que com o passar do tempo vai ser findando característico de construções realizadas por artesãos). Na explanação de Ribeiro (2006), para a construção das igrejas a busca sempre foi por terrenos de destaque, com elevação onde em seu entorno se criavam os vilarejos, tornando-se um marco de orientação espacial e visual, além do valor simbólico da ligação do Céu e a Terra, da proximidade com Deus, e a passagem do lugar profano para o sagrado desempenhado pela porta do templo, ao mesmo tempo que ela separa os dois mundos ela é uma passagem para ambos.

Outro ponto importante de destaque é correlacionar a semelhança arquitetônica das igrejas com as casas dos imigrantes, suas particularidades se diferenciavam da arquitetura colonial que prevalecia na época, a arquitetura que o imigrante trouxe para seu novo habitat é muito peculiar, a memória e as técnicas construtivas foram hibridizadas aos materiais, clima e geografia fornecidos pelo novo ambiente, produzindo uma releitura de sua ancestralidade e cultura adaptadas ao novo espaço. Segundo Araújo (2005) na sua linguagem a arquitetura deseja estar ao alcance tanto de seu criador como do usuário, é uma arte que fomenta sua intenção ao passo que se é observada e conhecida. A verdadeira identidade pessoal é trazida com as características peculiares e conservação da consciência única.

Uma colocação importante que Dreher (2014) aponta que cerca de 60% dos imigrantes que chegaram até 1850 no Estado eram artesãos. Aspecto que se reflete na estruturação das picadas que ganham funilarias, marcenarias, carpintarias, serrarias, ferrarias, moinhos. Fator esse que influenciou na nomenclatura das comunidades possibilitando a construção do novo espaço com igrejas pelos próprios membros da comunidade como é visto na (figura 2) e relatado pela entrevista com o casal Nowack (2019).

A simbologia espacial traz um sentido de identidade para a colonização. Como é constatado com o surgimento dos povoados que se davam (e podem ser visto ainda nos dias atuais) circundantes aos templos religiosos. Lugares de grande significado simbólico e material que influenciam diretamente o espaço habitado e possuem o poder de modificar e adquirir um papel de destaque na configuração visual do local. Sua consagração o faz onipotente, marco de localização espacial e propagador do crescimento da localidade (RIBEIRO, 2006). Esses espaços proporcionavam ambiências de aconchego e amparo, relembrando suas origens e culturas, fazendo uma releitura do que foi vivido e adaptando ao novo ambiente que a seus olhos era hostil e pouco anfitrião.

Como Roche (1969 v2) coloca, um dos primeiros trabalhos coletivos entre as comunidades foi a construção dos templos que iniciaram a partir de 1845, no qual geraram alguns conflitos entre seus membros como a decisão do lugar. A composição dos espaços sociais se dava por um conjunto entre capela, cemitério, escola, salão de festa, campo esportivo, casa canônica ou pastoral (DREHER, 2014). Como se observa na (ilustração 06) que mostra o entorno da igreja, com o cemitério, um amplo espaço de gramado, e duas construções em anexo que servem como cozinha e espaço para o culto infantil.

Ilustração 03 - Imagem da primeira construção da igreja do ano de 1900.



Fonte: Oldemar e Mariza Nowack, 2019.

Ilustração 04 - Imagem da segunda construção da igreja do ano de 1953.



Fonte: Oldemar e Mariza Nowack, 2019.

Ilustração 05 - Imagem atual da igreja.



Fonte: Fonte: Acervo da autora. Fotografia tirada em 08/04/2018.

Ilustração 06 - Imagem atual do entorno da igreja.



Fonte: Fonte: Acervo da autora. Fotografia tirada em 08/04/2018.

O patrimônio aos olhos do usuário

A intenção do trabalho é pensar sobre a linha tênue entre o patrimônio e as restaurações/intervenções consideradas falso histórico, como se apresentam perante a visão do sujeito, sob um olhar diferente do habitual e um tanto comum para as pessoas que não possuem esse conhecimento. Aprofundar o tema e analisá-lo com uma teoria contemporânea mais flexível e democrática buscado a compreensão de seu pensamento.

Podendo transmitir a intenção da ação da comunidade com um embasamento teórico. Como Viñas (2004, p. 177) expõe:

La Restauración correcta es aquella que armoniza, hasta donde ello es posible, un mayor número de teorías -incluso las que no han llegado a formularse: las de otros usuarios, la del restaurador iletrado, la del propietario, etc.-. Una buena Restauración es aquella que hiere menos a un menor número de sensibilidades -o la que satisface más a más gente.

Caso que ocorre no estudo apresentado, sua intenção não é ludibriar a concepção histórica nem o observador, é preservar seus ancestrais, o contexto cultural de uma sociedade que tem forte ligação com seu passado, que não tenciona perder as memórias afetivas de lutas, sofrimento, conquistas e recomeço em uma terra nova distante de sua pátria de origem e sente orgulho e compromisso em preservar para futuras gerações. Como Knack (2016, p. 149) coloca:

Mas para aqueles que não vivenciaram o conteúdo memorado, a imaginação preenche o vácuo da memória, pois esse fenômeno possessivo da memória não está a sua disposição para contestar, resta a esses indivíduos imaginar tal passado pelos esforços de evocação, de rememoração dos outros.

A pesquisa foge dos parâmetros técnicos de restauração pelo fato de não estar vinculada a um responsável técnico que possa passar as possíveis orientações para o procedimento, as decisões na trajetória da comunidade se deu pelos próprios membros, embasados nas suas convicções, enraizados nas suas crenças. Mas até que ponto o profissional pode interferir de forma subjetiva no patrimônio? É incongruente partir de uma base teórica e científica sem levantar a questão de quem faz uso do bem e para o que e quem ela será restaurada, como Viñas (2004, p. 177) explana:

Está diciendo que el restaurador no puede hacer lo que él decida, lo que él crea mejor, lo que él considere más honesto, lo que a él le han enseñado, y que el criterio principal que debería guiar su actuación es la satisfacción del conjunto de sujetos a quienes su trabajo afecta y afectará en un futuro.

Apesar da primeira impressão passar uma confusão temporal no observador que parte da analogia de ser uma construção dos anos de 1900 esta não foi a intenção da comunidade, que fez a réplica única e exclusivamente para a sua memória, contudo pela sua significância no contexto cultural e regional, pelo efeito psicológico que a obra aduz nas gerações de descendentes, faz com que ela não passe despercebida regionalmente, se destacando por ser uma releitura das primeiras igrejas construídas pelos imigrantes alemães, se identificando como um patrimônio vernacular da comunidade e da história imigratória alemã para a região, não se enquadrando na concepção do falso-histórico

justamente pelo contexto cultural e histórico que traz, a cultura, a arquitetura popular típica alemã fazia parte da comunidade desde seus primórdios, não foi algo implantado para propagar e comercializar a difusão da etnia, é algo que é experienciado diariamente pelos seus membros, vivenciado em seu cotidiano. Viñas (2004) em sua reflexão coloca a relevância do caráter simbólico da restauração, o que dá à manutenção a capacidade de recuperar essas significâncias, o que se difere de outras atividades similares como reparação, pintura ou remendos.

La teoría contemporánea de la Restauración ofrece a todas ellas herramientas conceptuales más flexibles y adaptables: no defiende ningún cambio en la práctica de la actividad, salvo en los casos en los que esta conveniencia es sentida por las personas afectadas. No alienta más revolución que la que es comúnmente sentida: la revolución del sentido común. (VIÑAS, 2004, p. 178)

Como Certeau (1996) expõe, hoje existe uma marginalidade cultural que abrange uma grande massa, produtores de cultura, produtores de espetáculo vendem uma proposta cultural aparentemente compatível com o intuito de universalizar, vendendo-a como uma adequação para a sobrevivência dentro de um determinado meio social, o que faz findar gradativamente a linguagem própria de determinados grupos. O designo da comunidade foi manter suas raízes e sua religião, independente a metodologia temporal, cultural e arquitetônica notabilizada da época. Como exprime Ribeiro (2006) o espaço sagrado se torna o pilar central reorganizando a vida secular e religiosa do homem.

A esfera do sagrado vem se mostrando cada vez mais presente na vida humana, delimitando espaços sagrados individuais ou coletivos. Para alguns a sua própria casa se transfigura em espaço sagrado, para outros, é necessário a presença periódica em um local específico onde se vivencia a experiência mística da comunhão com o sagrado (RIBEIRO, 2006, p. 14).

O patrimônio vernacular é a expressão da cultura de uma comunidade, trazendo a sua relação com o espaço, território e com os indivíduos que nele convivem, antes de ter importância magro regional é indispensável sua relevância para os que dele usufruem, assim transpassando e integrando sua expressão da diversidade cultural para com o mundo. Nas palavras de Froner (2013) As comunidades se abrigam na construção vernacular de modo tradicional e natural. Porém em constante modificações e adaptações. Considerando que sua sobrevivência é extremamente vinculada ao seu grupo de pertencimento, também necessita do apoio de uma equipe multidisciplinar, integrada por órgãos governamentais, arquitetos, conservadores e especialistas, visto que, as forças

externas como a economia, cultura e arquitetura são ameaças constantes para sua preservação.

Considerações Finais

“No campo do restauro, a palavra preservação compreende desde a intenção de salvaguardar o monumento arquitetônico, passando pelos estudos e análises específicas do campo disciplinar, até encontrar-se com as ações práticas da intervenção em monumentos históricos”. Soares & Oliveira (2013, p. 137). Ou seja, a preservação segue os conceitos e significados próprios da teoria do restauro para elaboração dos projetos e na prática enfrenta ações nas mais diversas escalas. O que se vê em determinados casos é a falta de diálogo entre esses dois tópicos ocasionando a ausência de manutenção preventiva e nas intervenções realizadas insuficiência de embasamento teórico. (SOARES & OLIVEIRA, 2013)

Para conseguir trabalhar em conjunto (teoria e prática) a divulgação do conhecimento e da cultura de preservação deve ser aberta para o âmbito social, incentivos e campanhas para propagar seu conceito em meio a comunidades, para assim ter consciência da importância do ato de preservar, como e o que se preservar, como apontam os autores (SOARES & OLIVEIRA, 2013, p. 139):

As ações projetuais devem ser construídas sobre um embasamento teórico consistente, que resgate as características singulares da obra e ainda estabeleça as condições práticas da intervenção. Em muitos casos, os projetos de intervenção no patrimônio histórico brasileiro revelam a falta desse alicerce teórico, e, nos raros casos onde há a reflexão teórica, essa não atinge as ações práticas das restaurações.

Nos princípios brandianos de falso histórico preocupasse com a materialidade da obra, as intervenções se pontuam nos danos da consistência física dos objetos históricos e artísticos (XAVIER, 2019) . O autor Viñas (2004) também entende a restauração como um conjunto de atividades materiais, que devem respeitar a coerência de processos técnicos, uso dos materiais e melhor solução para a simbologia e historiografia do objeto. Contudo, defende que a restauração dos objetos possui valores simbólicos que antes do material devem ser cuidadosamente vistos, sua definição de autenticidade é complexa e variável, fatores particulares de cada grupo social.

Muitas sociedades utilizam a autenticidade na transmissão de saberes necessários para a construção de objetos culturais, e não na materialidade desses objetos em si, ou seja, passam para as futuras gerações técnicas construtivas de seus antepassados para a história e a linha de desenvolvimento de determinada cultura não se perder com o tempo. Como coloca o autor Gonzáles (1996) na maioria das culturas não ocidentais o conceito de patrimônio é mais próximo a cultura intangível (tradições, idiomas, idiosincrasia), os monumentos são valorizados primeiramente pelo seu simbolismo imaterial, para assim ser avaliado o valor material. Colocando que a destruição e reconstrução dos monumentos de madeira é vista como habitual, e não a classificam como uma perda de autenticidade. Reforça em suas colocações (GONZÁLES, 1996, p. 20):

En algunas culturas geográficamente alejadas de la nuestra, esta valoración instrumental de la materia, y el concepto de restauración pertinente, no precisan de grandes reflexiones intelectuales: están plenamente enraizados en la concepción misma, casi intuitiva, del patrimonio. Cuando en África se habla de conservar el patrimonio arquitectónico pocas veces se hace referencia a la conservación de la materia, sino a la de las técnicas constructivas tradicionales. En Tanzania, por ejemplo, la política de protección del patrimonio construido en adobe no consiste en garantizar la pervivencia de los materiales, ni tan siquiera de los propios edificios⁹. Consiste en mejorar las condiciones de habitabilidad de éstos, aunque eso supone modificarlos o rehacerlos, y conservar vivas las técnicas que permitan recrearlos según las tradiciones.

Partindo deste princípio, há compreensão que essas reconstruções são uma forma de ritual para a propagação dos conhecimentos ancestrais, não enquadrando-se no falso histórico brandiano, como a autora Xavier (2019, p. 6) menciona “[...] elas seriam como as cópias que ele reconhece como legítimas, pois se tratam de uma prática assumida como integrante daquela cultura e não realizada com a intencionalidade de engano e a revelia”.

Segundo Gonzáles (1996) deve-se olhar para um monumento com base na essência trina, ou seja, analisando a essência essencial, o funcional e o documental, concluindo suas colocações que uma farsa arquitetônica é mais decisiva na negação de autenticidade do monumento que o falso histórico, ou seja, olhar somente para a obra de arte e trabalhar o material, sem investigar o imaterial, o histórico, o contexto social e geográfico que a obra está inserida pode ser uma armadilha ludibriante, determinante para a realização de um erro na avaliação do monumento.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, C. R. *Arquitetura Religiosa*. In: Revista Eletrônica de Ética e Cidadania, U. P. Mackenzie, p. 1-20, 2005.
- CERTEAU, M. d. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CUNHA, C. D. *Restauração: diálogos entre teoria e práticas no Brasil nas experiências do iphan*. Tese de Doutorado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2010.
- DREHER, M. N. *190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças*. São Leopoldo: Oikos, 2014.
- FRONER Y.A. *Patrimônio Arquitetônico: Conceitos contemporâneos nas cartas do ICOMOS*. In: Revista Oculum Ensaios, Campinas, 10(2), pp. 243-255, 2013. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/2143/1789>> Acesso em: 12 de 12 de 2019.
- GONZÁLEZ, A. (1996). *Falso histórico o falso arquitectónico, cuestión de identidad*. Loggia, Arquitectura & Restauración (1), 16-23.
- JUNGBLUT, A. L. *O protestantismo luterano dos teuto-brasileiros: algumas considerações necessárias para uma abordagem antropológica*. In: JÚNIOR, A. S; MAUCH, C; &
- KNACK, E. R. *Passo Fundo e a construção do imaginário de capital do planalto : comemoração, memória, visualidade e políticas públicas*. Tese de Doutorado – Pós Graduação em História na Pontifera Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2016.
- NEUMANN, R. M. *Uma Alemanha em miniatura: o projeto de imigração e colonização étnico particular da colonizadora Meyer no Noroeste do Rio Grande do Sul (1897-1932)*. São Leopoldo: Oikos, 2016.
- NOWACK, M.: entrevista [abr. 2019]. Entrevistadores: T. V. Petry. Comunidade de Boa Vista go Guilherme, 2019.
- NOWACK, O.: entrevista [abr. 2019]. Entrevistadores: T. V. Petry. Comunidade de Boa Vista go Guilherme, 2019.
- RIBEIRO, L. M. P.; *A igreja: Espaço sagrado reorganizador do mundo*. Cadernos CERU, n. 17, p. 177-191, mês. 2006.
- ROCHE, J. *A colonização Alemã e o Rio Grande do Sul 2*. Vols. Porto Alegre: Globo, 1969.

SANTOS, V. C.B. dos; GONÇALVES, M. R. de F. *A proposta da teoria contemporânea da restauração aos profissionais de restauro no século XXI*, em *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, Eumed revistas. 2013. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/cccss/25/restauracao.html>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2019.

SOARES, I. S., & OLIVEIRA, C. T. *Preservação arquitetônica: teoria, legislação e prática*. Revista CPC (15), p. 137-162. 2013.

VASCONCELLOS, N (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: ULBRA, 1994, p. 139-147.

VELLEDA, C. K. (06 de 2013). Disponível em: Vitruvius. Acesso em 07 de 08 de 2019. <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/12.138/4765>>.

VIÑAS, S. M. (2004). *Teoría contemporánea de la Restauración*. Madrid: Síntesis, 2004.

XAVIER, J. e. *O princípio de falso histórico brandiano aplicado na demolição e reconstrução do patrimônio ferroviário de Artur Nogueira*. In: Anais do 3º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil. Anais Belo Horizonte(MG) Centro de Atividades Didáticas 2 - CAD2. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte, MG, 2019.

WETTER, M.: entrevista [abr. 2019]. Entrevistadores: T. V. Petry. Comunidade de Boa Vista go Guilherme, 2019.

Submetido em: 20/03/2020

Aprovado em: 10/04/2020

Publicado: 1º/05/2020

ⁱ Arquiteta, mestranda em História pelo PPGH UPF

ⁱⁱ No documento NARA de 1994 foi reformulada e dada uma nova visão para o conceito de autenticidade. Ele foi concebido dentro da Carta de Veneza, trazendo sua extensão conceitual. Sua principal contribuição é respeitar e destacar as diferentes facetas da memória coletiva da humanidade. A diversidade de culturas e de patrimônio cultural, como riqueza intelectual e espiritual insubstituível para toda a humanidade, com embasamento na condição de documento (histórico, artístico, arquitetônico, técnico, científico, etc), de objeto físico (funcionalmente vivo e de elemento significativo para a comunidade) e de peculiaridades do patrimônio como a essência (o essencial, um conceito particular de originalidade e o papel que a matéria desempenha nela) (GONZÁLEZ, 1996).

ⁱⁱⁱ Parede triangular acima do forro formada nos telhados de duas águas.